

COM O CORAÇÃO EM CHAMAS

**Meditações sobre a vida
eucarística**



HENRI NOUWEN

Editado por  eag

COM O CORAÇÃO EM CHAMAS

MEDITAÇÕES SOBRE A VIDA
EUCARÍSTICA

HENRI NOUWEN

Tradução do texto em *espanhol*

Imagem da capa gerada por IA (ChatGPT)

ÍNDICE

Introdução:

- 1.- Lamentar a perda.
- 2.- Discernir a Presença.
- 3.- Convidar o Desconhecido.
- 4.- Entrar em comunhão.
- 5.- Partir em missão.

Conclusão.

INTRODUÇÃO

Todos os dias celebro a Eucaristia. Umas vezes na minha paróquia, diante de centenas de pessoas; outras na capela do Amanhecer, com os membros da minha comunidade; ocasionalmente, num quarto de hotel com alguns amigos; e outras vezes na sala da casa do meu pai, apenas ele e eu. Raros são os dias em que não digo: «Senhor, tende piedade»; em que não faço as minhas leituras diárias com as respectivas reflexões; em que não proclamo a profissão de fé; em que não partilho o corpo e o sangue de Cristo; em que não rezo pedindo que o dia seja frutuoso e propício...

No entanto, não deixo de me perguntar: Sei eu o que estou a fazer? Sabem os que estão comigo em volta da mesa em que estão a participar? Acontece realmente algo que influencie a nossa vida diária, apesar de nos parecer tão familiar? E que dizer dos que não estão connosco? Sabem o que é a Eucaristia, desejam-na ou, pelo menos, pensam alguma vez nela? Que relação tem esta celebração diária com a vida quotidiana de homens e mulheres normais e comuns, estejam ou não presentes? Será apenas uma bela cerimónia, um rito consolador ou uma rotina cómoda? E, finalmente, será que a Eucaristia dá essa vida que tem o poder de vencer a morte?

Todas estas perguntas são muito reais para mim, e sinto uma constante necessidade de lhes dar resposta. E naturalmente que já o fiz, embora as respostas não pareçam ter grande consistência neste mundo em constante mudança. A Eucaristia dá sentido à minha existência no mundo; mas, à medida que o mundo muda, continuará a Eucaristia a dar-lhe sentido? Li muitos livros sobre a Eucaristia, escritos há dez, vinte, trinta e até quarenta anos. E, embora todos contenham ideias muito profundas, já não me ajudam a experimentar a Eucaristia como centro da minha vida. As perguntas voltam sempre: como pode a minha vida inteira ser eucarística e como pode a celebração diária da Eucaristia ajudar-me a consegui-lo? Tenho de encontrar a minha própria resposta, sem a qual a Eucaristia pode não passar de uma bela tradição.

Estas páginas procuram falar-me a mim mesmo e aos meus amigos sobre a Eucaristia, tecendo uma rede de ligações entre a celebração diária

da Eucaristia e a nossa experiência quotidiana como seres humanos. Começamos cada celebração com o coração contrito e rezando o Kyrie Eleison. Escutamos a Palavra — as leituras bíblicas e a homilia —, professamos a nossa fé, oferecemos a Deus os frutos da terra e do trabalho humano, recebemos de Deus o corpo e o sangue de Jesus e, finalmente, somos enviados ao mundo com a missão de renovar a face da terra. O acontecimento eucarístico revela as mais profundas experiências humanas, como a tristeza, a atenção aos outros, o convite, a intimidade e o compromisso. Resume a vida que somos chamados a viver em Nome de Deus. Só quando reconhecemos a riquíssima rede de ligações entre a Eucaristia e a nossa vida no mundo, aquela pode ser «mundana», e a nossa vida «eucarística».

Como base das minhas reflexões sobre a Eucaristia e a vida eucarística, utilizarei a história dos dois discípulos que iam a caminho de Emaús e regressaram a Jerusalém. Sendo uma história que fala de perda, de presença, de convite, de comunhão e de missão, contém os cinco aspetos principais da celebração eucarística.

Os cinco aspetos mencionados constituem, no seu conjunto, uma dinâmica: a passagem do ressentimento à gratidão, isto é, de um coração endurecido a um coração agradecido. Enquanto a Eucaristia expressa esta dinâmica espiritual de forma muito sucinta, a vida eucarística convida-nos a experimentá-la e a afirmá-la em cada instante da nossa existência diária. Nestas páginas espero desenvolver os cinco passos que levam do ressentimento à gratidão, de modo a que fique claro que aquilo que celebramos e aquilo que somos chamados a viver são, na essência, uma só realidade.

O caminho de Emaús

Nesse mesmo dia, iam dois deles para uma povoação chamada Emaús, distante uns onze quilómetros de Jerusalém, e conversavam entre si sobre tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. Mas estavam impedidos de o reconhecer. Jesus perguntou-lhes: «Sobre o que conversais pelo caminho?»

Detiveram-se, com ar triste, e um deles, chamado Cléofas, respondeu: «És tu o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que aconteceu nestes dias?» Ele perguntou: «O que foi?» Responderam: «O que se refere a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. E nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel... Mas, além disso, já é o terceiro dia desde que isto aconteceu. É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram alarmados: de madrugada foram ao sepulcro e, não encontrando o corpo, voltaram dizendo que tinham tido uma visão de anjos que afirmaram que ele estava vivo. Também alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito, mas a ele não o viram».

Então Jesus disse-lhes: «Como sois insensatos e lentos de coração para acreditar em tudo o que os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer tudo isto para entrar na sua glória?» E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, explicou-lhes o que a seu respeito se encontrava em toda a Escritura.

Já perto da povoação para onde iam, Jesus fez menção de seguir adiante; mas eles insistiram: «Fica connosco, porque o dia declina e a noite vem chegando.» E ele entrou para ficar com eles. E, estando à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu-lho. Então abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no, mas ele desapareceu da sua vista. E disseram entre si: «Não ardia o nosso coração quando nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

Naquele mesmo instante levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros, que diziam: «É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!» E eles contaram o que lhes tinha acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão.

LAMENTAR A PERDA

«Senhor, tende piedade»

Duas pessoas caminham juntas. Pela sua maneira de andar percebe-se que não são felizes: a cabeça baixa, os ombros caídos, o passo arrastado... Nem sequer se olham uma à outra. De vez em quando, uma delas diz algo, mas as palavras não se dirigem a ninguém e dissipam-se no ar como sons inúteis. Embora sigam um caminho já traçado, não parecem ter meta. Regressam a casa; mas a casa já não é lar. Simplesmente, não têm outro sítio para onde ir. O lar tornou-se vazio, desilusão, desesperança...

Quase não conseguem imaginar que, apenas alguns anos antes, tinham conhecido alguém que mudara as suas vidas; alguém que interrompera radicalmente a sua rotina diária e dera nova vitalidade a cada recanto da sua existência. Tinham abandonado a sua aldeia para seguir aquele estranho e os seus amigos, e tinham descoberto uma nova realidade oculta por detrás do véu das atividades quotidianas; uma realidade onde o perdão, a reconciliação e o amor já não eram meras palavras, mas forças que tocavam o centro da sua humanidade. O estranho de Nazaré tinha feito tudo novo: transformara-os em pessoas para quem o mundo já não era um peso, mas um desafio; já não era um campo minado, mas um lugar de infinitas possibilidades. Trouxera paz e alegria à sua experiência diária. Mas agora estava morto. O seu corpo, que irradiava luz, fora despedaçado pelas mãos dos torturadores. Os membros tinham sido dilacerados pelos instrumentos da violência e do ódio, os olhos tornaram-se órbitas vazias, as mãos perderam a força, os pés a firmeza. Tornara-se um “ninguém” entre tantos. Tudo ficara em nada... Tinham-no perdido; mas não apenas a ele, também se tinham perdido a si próprios. A energia que enchera os seus dias e noites abandonara-os por completo. Eram agora dois seres humanos perdidos que caminhavam para uma casa sem ser casa, regressando a um lugar transformado em triste e escura lembrança.

Em muitos aspetos, nós somos como eles. E compreendemo-lo quando ousamos olhar para o centro do nosso ser e descobrimos o nosso extravio: não estaremos também nós perdidos?

Se há uma palavra que resume a nossa dor, é a palavra «perda». Perdemos tanto...! Às vezes parece até que a vida não é mais do que uma interminável série de perdas. Quando nascemos, perdemos a segura proteção do ventre materno; quando começamos a ir à escola, perdemos a tranquila segurança da vida familiar; quando conseguimos o primeiro emprego, perdemos a liberdade da juventude; quando casamos ou entramos nas ordens sagradas, perdemos uma série de possibilidades e opções; e quando envelhecemos, perdemos o bom aspeto, os velhos amigos e o prestígio profissional. Quando adoecemos ou nos debilitamos, perdemos a independência física; e quando morremos... perdemos tudo! E estas perdas fazem parte da vida comum! Mas quem tem uma vida comum? De facto, as perdas que se instalam profundamente no coração e na mente são a perda da intimidade pela separação; a perda da segurança pela violência; a perda da inocência pelo abuso; a perda da amizade pela traição; a perda do amor pelo abandono; a perda do lar pela guerra; a perda do bem-estar pela fome, pelo calor ou pelo frio; a perda dos filhos pela doença ou pelo acidente; a perda da pátria pela revolta política; a perda da vida por um terramoto, uma inundação, um acidente aéreo, um ato terrorista ou uma doença...

Talvez muitas destas perdas nos pareçam distantes, notícias que recebemos pela imprensa ou televisão; mas ninguém pode escapar às perdas angustiantes que fazem parte da existência diária: a perda dos nossos sonhos. Durante muito tempo acreditámos ser pessoas afortunadas, estimadas e profundamente amadas; aspirámos viver uma vida de generosidade, serviço e abnegação; propusemo-nos ser compassivos, atentos e bondosos; sonhámos ser conciliadores e pacificadores... Mas, de algum modo —nem sequer sabemos bem como—, perdemos esses sonhos... e tornámo-nos pessoas preocupadas, ansiosas, agarradas ao pouco que temos e incapazes de falar com os outros de outra coisa que não os escândalos políticos, sociais e eclesiais de cada dia. Esta perda de espírito é muitas vezes a perda mais difícil de reconhecer e confessar.

Mas, acima de todas as perdas, está a perda da fé: a perda da convicção de que a nossa vida tem sentido. Durante algum tempo fomos capazes de suportar as perdas e até enfrentá-las com coragem e perseverança, porque as víamos como perdas que acabariam por nos aproximar de Deus. A dor e o

sofrimento eram suportáveis porque os considerávamos provas da nossa vontade e ocasião para aprofundar a convicção.

Com o passar dos anos, porém, descobrimos que aquilo que nos sustentou durante tanto tempo —a oração, o culto, os sacramentos, a vida comunitária e a clara consciência de sermos guiados pelo amor de Deus— deixou de nos ser útil. As ideias acariciadas durante anos, as mortificações praticadas pacientemente e as formas tradicionais de celebrar a vida já não aquecem o espírito, e já não compreendemos como nem porquê nos sentíamos tão motivados. Recordamos os tempos em que Jesus era tão real para nós que nem sequer questionávamos a sua presença na nossa vida. Ele era o nosso amigo mais íntimo, o nosso conselheiro e guia; dava-nos consolo, coragem e confiança. Chegávamos a senti-lo, saboreá-lo e tocá-lo... E agora? Agora já não pensamos muito nele; já não desejamos passar longas horas na sua presença; já não sentimos por ele aquele afeto especial. Chegamos a perguntar se não será apenas uma personagem de um conto. Muitos dos nossos amigos riem dele, escarnecem do seu nome ou simplesmente o ignoram. Pouco a pouco, também para nós se tornou um estranho... De algum modo, perdemo-lo.

Não quero sugerir que todas estas perdas nos atinjam a todos. Mas, ao caminharmos juntos e escutarmos uns aos outros, depressa descobrimos que muitas delas, senão a maioria, fazem parte do caminho —do nosso ou do dos nossos companheiros.

O que fazemos com as nossas perdas? (esta é a primeira pergunta que temos de enfrentar): tentamos ignorá-las?; continuamos a viver como se não fossem reais?; escondemo-las de quem caminha connosco?; tentamos convencer os outros ou a nós mesmos de que as nossas perdas são pouca coisa em comparação com as nossas conquistas?; culpamos alguém por elas?... A verdade é que quase sempre fazemos algo disto, embora haja outra possibilidade: lamentar. Sim, devemos lamentar as nossas perdas. Não podemos impedi-las por mais que façamos ou digamos, mas podemos derramar lágrimas e afligir-nos com elas. Uma aflição que nos faz perder a sensação de proteção e segurança e nos conduz à dolorosa verdade da nossa imperfeição. A aflição leva-nos a experimentar o abismo da vida, em que nada está fixo nem é evidente, mas tudo se move e muda constantemente.

E, ao sentir a dor das nossas perdas, os nossos corações aflitos abrem-nos os olhos interiores para um mundo em que se sofrem perdas muito maiores do que o nosso pequeno mundo de família, amigos e colegas. É o mundo dos presos, dos refugiados, dos doentes de sida, das crianças que morrem de fome e dos incontáveis seres humanos que vivem dominados pelo medo. Então, a dor dos nossos corações que choram une-nos ao lamento e aos gemidos de uma humanidade sofredora. E o nosso lamento cresce para além de nós próprios.

Mas, em meio a toda essa dor, ergue-se uma voz estranha, marcante e surpreendente. É a voz que diz: «Felizes os que choram, porque serão consolados». Eis a notícia inesperada: a nossa aflição encerra uma bênção oculta. Não são abençoados os que consolam, mas os que sofrem! De algum modo, apesar das lágrimas, há um dom escondido. De algum modo, apesar do lamento, dão-se os primeiros passos da dança. De algum modo, a dor das nossas perdas é parte dos nossos cânticos de gratidão.

Chegamos à Eucaristia com o coração partido por muitas perdas, as nossas e as do mundo. Como os dois discípulos que regressavam à sua aldeia, dizemos: «Nós esperávamos..., mas perdemos a esperança, e no seu lugar veio a tortura e a morte». Já não conseguimos erguer a cabeça para olhar em frente, mas deixamo-la cair, abatida pelo desânimo.

Assim começa a viagem. A questão é se as nossas perdas nos conduzem ao ressentimento ou à gratidão. E o certo é que muitos escolhem o primeiro. Quando alguém é sacudido por uma perda atrás de outra, é muito fácil tornar-se uma pessoa desiludida, zangada, amarga e cada vez mais ressentida. Quanto mais velhos ficamos, tanto mais forte é a tentação de dizer: «A vida enganou-me; já não tenho futuro nem esperança; só me resta defender o pouco que tenho, para não perder tudo...»

O ressentimento é uma das forças mais destrutivas da vida. É uma ira fria que se instala no centro do nosso ser e endurece o coração, podendo tornar-se num modo de vida que impregna de tal forma as palavras e ações que já nem o reconhecemos como tal.

Muitas vezes pergunto-me como seria a minha vida sem qualquer ressentimento no coração. Estou tão habituado a falar de pessoas que não

me agradam, a recordar coisas que me magoaram e a agir com receio e desconfiança, que já não sei como seria a vida se não tivesse do que me queixar nem a quem culpar. O meu coração ainda guarda muitos cantos onde se escondem ressentimentos, e pergunto-me se realmente gostaria de viver sem eles. O que faria eu sem esses ressentimentos? Além disso, muitos momentos da vida oferecem ocasião para os alimentar: antes mesmo do pequeno-almoço, já fui assaltado por sentimentos de suspeita e inveja, já pensei em pessoas que prefiro evitar, já tracei pequenos planos para viver o dia na defensiva.

Pergunto-me se haverá alguém sem algum tipo de ressentimento. Pois o ressentimento é uma reação tão óbvia a muitas das nossas perdas... O pior, contudo, é a presença, dentro da própria Igreja, de tantos ressentimentos, que são um dos aspetos mais paralisantes da comunidade cristã.

A Eucaristia, porém, apresenta outra alternativa: a possibilidade de optar, não pelo ressentimento, mas pela gratidão. Lamentar as perdas é o primeiro passo para passar do ressentimento à gratidão. As lágrimas da aflição podem amolecer os corações endurecidos e abrir-nos à possibilidade de agradecer.

A palavra «Eucaristia» significa, literalmente, «ação de graças». Celebrar a Eucaristia e viver de modo eucarístico tem muito a ver com a gratidão. Viver eucaristicamente é viver a vida como um dom, um presente pelo qual se está agradecido. Mas a gratidão não é a resposta mais óbvia à vida, sobretudo quando a experimentamos como uma série de perdas. Contudo, o grande mistério que celebramos na Eucaristia e que vivemos numa vida eucarística consiste precisamente em que, através da dor das perdas, chegamos a experimentar a vida como dom. A beleza e o valor imenso da vida estão intimamente ligados à sua fragilidade e caducidade, como experimentamos cada dia ao segurar uma flor, ao contemplar o voo de uma borboleta ou ao acariciar um bebé: a fragilidade e a precariedade são evidentes, e a nossa alegria está ligada a ambas.

Começamos cada Eucaristia suplicando a misericórdia de Deus. Provavelmente não há na história do cristianismo outra oração tão repetida como a súplica: «Senhor, tende piedade», com a qual não só começam as liturgias do Ocidente, mas que ressoa também constantemente nas liturgias

orientais. «Senhor, tende piedade», «Kyrie Eleison», «Gospody Pomiloe»... É o clamor do povo de Deus, o grito dos corações contritos.

Mas só podemos articular este grito quando estamos dispostos a confessar que, de algum modo, temos algo a ver com as nossas perdas. Pedir misericórdia significa reconhecer que culpar Deus, o mundo ou os outros pelas nossas perdas não corresponde totalmente ao que somos. Em primeiro lugar, estamos dispostos a assumir a responsabilidade mesmo pelo sofrimento que não causámos diretamente; a acusação transforma-se em reconhecimento do papel que desempenhamos na imperfeição humana. O pedido da misericórdia de Deus brota de um coração que sabe que essa imperfeição não é um destino fatal de que somos vítimas tristes, mas o fruto amargo da decisão humana de dizer «não» ao amor. Os discípulos que regressavam a Emaús estavam tristes porque tinham perdido aquele em quem puseram toda a esperança, mas também sabiam que foram os seus próprios dirigentes que o crucificaram. De algum modo, sabiam que a sua aflição estava ligada ao mal; um mal que podiam reconhecer nos seus próprios corações.

Celebrar a Eucaristia exige de nós viver neste mundo aceitando a corresponsabilidade pelo mal que nos rodeia e invade. Enquanto continuarmos a queixar-nos dos tempos difíceis em que vivemos, das situações terríveis que temos de suportar e do destino insuportável que nos cabe enfrentar, jamais chegaremos à contrição, que só pode vir de um coração contrito. Quando as perdas são mero fruto do destino, os ganhos são mero produto da sorte. O destino não leva à contrição, nem a sorte à gratidão.

Na realidade, tanto os nossos conflitos pessoais como os conflitos à escala regional, nacional ou mundial são os nossos conflitos, e só podemos superá-los assumindo a nossa responsabilidade e escolhendo viver no perdão, na paz e no amor.

O Kyrie Eleison —«Senhor, tende piedade»— deve brotar de um coração contrito. Em contraste com um coração endurecido, um coração contrito é aquele que não acusa, mas reconhece a sua parte de culpa no pecado do mundo e que, por isso mesmo, está preparado para receber a misericórdia de Deus.

Lembro-me de um programa religioso da televisão holandesa em que o locutor, ao verter água sobre uma porção de terra seca e dura, dizia: «Vede como a terra não consegue receber a água nem fazer germinar semente alguma». Depois, ao desfazer a terra com as mãos e voltar a deitar água, acrescentava: «Só a terra lavrada pode receber a água, fazer germinar a semente e dar fruto».

Ao ver aquilo, compreendi o que significa começar a Eucaristia com um coração contrito, com um coração quebrado e permeável à água da graça de Deus.

Mas como é possível começar uma celebração de ação de graças com um coração partido? Não nos paralisa o reconhecimento da condição pecadora e a consciência da corresponsabilidade no mal do mundo? Não enfraquece demasiado a confissão sincera dos próprios pecados? Claro que sim. Mas não é possível enfrentar pecado algum sem algum conhecimento da graça. Não podemos lamentar perda nenhuma sem alguma intuição de que encontraremos vida nova.

Quando os discípulos que regressavam a Emaús contaram ao desconhecido a história da sua grande perda, referiram também a estranha história das mulheres que tinham encontrado o túmulo vazio e visto anjos. Mas estavam cépticos e cheios de dúvidas: não tinha ele sido crucificado há apenas uns dias? não chegara tudo ao fim? não triunfara o mal?... Para que vinham então aquelas mulheres com histórias de que estava vivo? Quem poderia levar a sério tal coisa? Mas tiveram de dizer: «Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram tudo como as mulheres disseram, mas a ele não o viram».

É assim que geralmente nos aproximamos da Eucaristia: com uma estranha mistura de desespero e esperança. Ao olhar para a nossa vida e para a dos que nos rodeiam, uma parte de nós gostaria de dizer: «Esqueçamos. Acabou. Claro que desejamos um mundo melhor, ansiamos por uma nova comunidade de amor e sonhamos com um tempo em que todos possamos viver em paz e harmonia... Mas temos de admitir a verdade: agora sabemos que tudo não passa de ilusão. A incapacidade de mudar de carácter e de hábitos, as invejas e ressentimentos, os acessos de ira e vingança, a violência descontrolada, as incontáveis manifestações de

crueldade, os crimes, a tortura, as guerras, a exploração...: tudo isto nos mostrou a amarga verdade de que a nossa esperança ingênua e fresca foi crucificada».

E, no entanto, as outras histórias estão e continuarão aí: histórias de pessoas que viram de modo diferente; histórias de gestos de perdão e reconciliação; histórias de bondade, beleza e verdade... E quando entramos verdadeiramente no fundo do coração, percebemos que, por baixo do cepticismo e do cinismo, há um desejo de amor, de unidade e de comunhão que não desaparece apesar dos inúmeros argumentos para o rejeitar como mera lembrança sentimental da infância.

«Senhor, tende piedade; Senhor, tende piedade; Senhor, tende piedade»...: eis a oração que brota incessantemente do mais profundo do ser e atravessa o muro do nosso cinismo. Sim, somos pecadores, pecadores sem remédio; tudo está perdido e nada resta dos nossos sonhos e esperanças. No entanto, ouve-se uma voz: «A minha graça basta-te!»; e voltamos a clamar pela cura dos nossos corações cínicos e ousamos acreditar que, em meio ao lamento, podemos realmente encontrar um dom pelo qual agradecer. Mas, para fazer esta descoberta, precisamos de um companheiro muito especial...

DISCERNIR A PRESENÇA

«É Palavra de Deus!»

Enquanto os dois viajantes caminham para casa, lamentando o que perderam, Jesus aproxima-se e põe-se a caminhar ao lado deles; mas os seus olhos são incapazes de o reconhecer. De repente, já não são dois, mas três a caminhar, e tudo se torna diferente. Os dois amigos já não olham para o chão, mas para os olhos do estranho que se lhes juntou e lhes pergunta: «Sobre o que ides conversando pelo caminho?» A surpresa —e até a irritação— são inevitáveis: «És tu o único forasteiro em Jerusalém que não se apercebeu do que lá aconteceu nestes dias?» Segue-se então o relato de uma perda, a história da desconcertante notícia de um túmulo vazio. Pelo menos há alguém que escuta, alguém desejoso de ouvir as suas palavras de desilusão, tristeza e absoluto desconcerto. Nada parece fazer sentido; mas é melhor contá-lo a um estranho do que repetir entre si os factos que ambos conhecem.

Então acontece algo novo: o desconhecido começa a falar, e as suas palavras pedem uma atenção especial. Ele escutou-os; agora são eles que o escutam a ele, cujas palavras são claríssimas e diretas. Fala de coisas que eles já conhecem desde o seu longínquo passado e de tudo o que aconteceu séculos antes de nascerem: a história de Moisés, que conduziu o povo à liberdade, e a história dos profetas, que exortaram o povo a não perder uma liberdade tão arduamente conquistada. Era uma história absolutamente conhecida, mas que lhes soava como se a ouvissem pela primeira vez.

A diferença está no narrador: um desconhecido que vem de Deus sabe-se lá de onde e que, no entanto, relata a mais-que-conhecida história com uma convicção e uma autoridade invulgares. A perda, a dor, a culpa, o medo, as esperanças fugazes e as muitas perguntas sem resposta que disputavam a atenção das suas mentes inquietas...: tudo isso foi acolhido por aquele desconhecido e inserido no contexto de uma história muito mais ampla do que a deles. O que parecia tão confuso começou a abrir novos horizontes; o que parecia tão opressivo começou a libertar; o que parecia extremamente triste começou a adquirir um carácter jubiloso. À medida que

ele lhes falava, eles iam percebendo que as suas pequenas vidas não eram tão pequenas como julgavam, mas faziam parte de um grande mistério que não só incluía incontáveis gerações passadas, como transcendia os limites do tempo e se estendia à eternidade.

O desconhecido não disse que não houvesse motivo para tristeza, mas que a sua tristeza fazia parte de uma tristeza maior, na qual se escondia a alegria. O desconhecido não disse que a morte que lamentavam não fosse real, mas que era uma morte que dava lugar a uma vida maior, a uma vida verdadeira. O desconhecido não disse que não tivessem perdido um amigo que lhes dera novo ânimo e nova esperança, mas que essa perda tornaria possível uma relação muito superior a qualquer amizade que alguma vez tivessem conhecido. O desconhecido nunca negou o que lhe contaram; pelo contrário, afirmou-o como parte de um acontecimento muito mais vasto, no qual lhes foi permitido desempenhar um papel único.

Ainda assim, não foi uma conversa tranquilizadora. O desconhecido mostrou-se enérgico, direto e nada sentimental. Não tentou oferecer um consolo fácil. Parecia até reforçar os seus lamentos com uma verdade que talvez eles preferissem não conhecer. Afinal, lamentar-se continuamente é mais fácil do que enfrentar a realidade. Mas o desconhecido não parecia minimamente preocupado em derrubar as suas defesas e convidá-los a superar a estreiteza da mente e do coração.

«Como sois néscios e tardos em crer...», disse-lhes. E estas palavras devem ter-lhes chegado ao mais fundo. «Néscio» é palavra dura, que nos ofende e põe à defensiva; mas também é palavra capaz de atravessar a couraça do medo e da timidez e de nos levar a compreender de modo totalmente novo o que é ser humano. É um apelo a despertar, a tirar a venda dos olhos, a derrubar dispositivos de proteção inúteis. «Néscios, não vedes, não ouvis, não sabeis...? Estivestes a contemplar um pequeno arbusto sem perceber que estaveis no alto de uma montanha que vos oferecia uma visão panorâmica do mundo. Fixastes-vos num obstáculo sem considerar que fora colocado aí para vos indicar o caminho certo. Lamentastes a vossa perda sem perceber que ela não tinha outro sentido senão o de vos dispor para receber o dom da vida.»

O desconhecido teve de os chamar «néscios» para os fazer ver. E ver o quê? Confiar. Eles não confiavam que a sua experiência fosse mais do que a de uma perda irremediável. Não confiavam que pudessem fazer outra coisa senão regressar a casa e retomar a antiga forma de vida. «Como sois néscios e tardos em crer...» Tardos em crer; tardos em confiar que as coisas são mais do que a sua aparência; tardos em elevar-se acima das queixas intermináveis e descobrir a vastíssima gama de novas possibilidades; tardos em ir além da dor do momento e vê-la como parte de um processo de cura muito mais amplo.

Esta lentidão não é inofensiva, porque pode prender-nos a lamentos estéreis e à estreiteza de espírito. É a lentidão que nos pode impedir de descobrir a «paisagem» em que vivemos. Neste sentido, podemos perfeitamente chegar ao fim da vida sem sequer saber quem somos e ao que somos chamados. A vida é breve, e não podemos esperar que o pouco que vemos, ouvimos e experimentamos nos revele a totalidade da existência. Somos demasiado míopes e duros de ouvido para isso. Alguém tem de abrir os nossos olhos e ouvidos e ajudar-nos a descobrir o que está para além da percepção. Alguém tem de fazer arder o nosso coração!

Jesus junta-se a nós, enquanto caminhamos entristecidos, e explica-nos as Escrituras. Mas não sabemos que é Jesus. Pensamos que é um estranho que sabe menos ainda do que nós sobre o que se passa na nossa vida. E, no entanto, algo sabemos, algo sentimos, algo intuimos: que os nossos corações começam a arder. No próprio momento em que ele está connosco, não percebemos totalmente o que acontece nem conseguimos falar disso entre nós. Mais tarde, bem mais tarde, quando tudo terminou, talvez possamos dizer: «Não ardia o nosso coração quando nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» Mas, quando ele caminha connosco, tudo é demasiado íntimo para que possamos refletir.

É com esta presença misteriosa que a «liturgia da Palavra» de cada Eucaristia nos quer pôr em contacto; e é essa mesma presença misteriosa que se nos revela constantemente quando vivemos eucaristicamente. As leituras do Antigo e do Novo Testamento e a consequente homilia destinam-se a fazer-nos discernir a sua presença enquanto nos acompanha na tristeza. Cada dia há leituras diferentes; cada dia há uma palavra

diferente de explicação ou exortação; cada dia algumas palavras nos acompanham. Não podemos viver sem as palavras que vêm de Deus, palavras que nos arrancam da tristeza e nos elevam a um lugar de onde podemos descobrir que estamos verdadeiramente vivos.

Convém saber que, embora essas palavras, lidas ou proferidas, sirvam para nos informar, instruir ou inspirar, a sua primeira finalidade é tornar-nos presente Jesus. Pelo caminho, Jesus explica-nos as passagens que falam dele. Quer leiamos o livro do Êxodo, os Salmos, os Profetas ou os Evangelhos, todos têm por fim fazer arder o coração. A presença eucarística é, antes de mais, presença através da Palavra. Sem essa presença, não reconheceremos Jesus na fração do pão.

Vivemos num mundo em que as palavras valem pouco. As palavras inundam-nos: anúncios, outdoors e sinais de trânsito, panfletos, folhetos, livros, quadros, projetores, mapas, ecrãs, telejornais... As palavras movem-se, fluem, vão e vêm, tornam-se maiores, mais brilhantes, mais grossas... Apresentam-se em todos os tamanhos e cores... mas, no fim, dizemos: «Bem, não passam de palavras...» Cresceram em número, mas diminuíram em valor; um valor que parece ser, sobretudo, informativo: as palavras informam-nos; precisamos de palavras para saber o que fazer e como fazer, para onde ir e como lá chegar.

Não admira, por isso, que as palavras da Eucaristia sejam escutadas principalmente como palavras que informam, contam uma história, instruem, advertem... E, como a maioria de nós já as ouviu antes, raramente nos impressionam. Muitas vezes prestamos-lhes pouca atenção, porque se tornaram demasiado familiares. Não esperamos que nos surpreendam ou toquem, e escutamolas como se fossem «a mesma história de sempre», seja uma leitura seja uma homilia.

O problema é que, assim, a Palavra perde o seu carácter sacramental. A Palavra de Deus é sacramental; o que significa que é sagrada e, como tal, torna presente o que exprime. Enquanto Jesus falava pelo caminho aos viajantes abatidos e lhes explicava as passagens das Escrituras que se referiam a ele, eles sentiram o coração começar a arder, isto é, experimentaram a sua presença. Ao falar de si, tornou-se presente para eles. Com as suas palavras fez muito mais do que pô-los a pensar nele, instruí-los

acerca dele ou inspirá-los com a sua lembrança. Através das suas palavras tornou-se realmente presente. É isto que queremos dizer quando falamos do carácter sacramental da Palavra: a Palavra cria o que exprime. E a Palavra de Deus é sempre sacramental. No livro do Génesis lê-se que Deus criou o mundo; mas na Carta aos Hebreus o termo usado para «falar» e «criar» é o mesmo. Traduzido à letra: «Deus falou a luz, e a luz existiu». Para Deus, falar é criar. Quando dizemos que a Palavra de Deus é sagrada, dizemos que está cheia da sua presença. No caminho de Emaús, Jesus tornou-se presente através da sua Palavra, e foi essa presença que transformou a tristeza em alegria e o choro em dança. E o mesmo acontece em cada Eucaristia. A Palavra lida e proclamada pretende conduzir-nos à presença de Deus e transformar a mente e o coração. Muitas vezes pensamos na Palavra como uma exortação a sairmos de nós para mudarmos de vida. Mas todo o poder da Palavra reside, não no modo como a aplicamos depois de a ouvir, mas na sua capacidade de transformação, que realiza a sua obra divina enquanto escutamos.

Os Evangelhos estão repletos de exemplos da presença de Deus no mundo. A mim, pessoalmente, sempre me emocionou a cena de Jesus na sinagoga de Nazaré, onde leu este texto de Isaías:

O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu.
Enviou-me a anunciar aos pobres a Boa-Nova,
a proclamar a libertação aos cativos e a vista aos cegos,
a dar liberdade aos oprimidos
e a proclamar um ano de graça do Senhor.

Depois de ler estas palavras, Jesus disse: «Esta Escritura que acabais de ouvir cumpriu-se hoje». De repente, fica perfeitamente claro que os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos não são pessoas que andam por aí, fora da sinagoga, e que um dia hão de ser libertadas, mas sim as pessoas que estão a escutar naquele momento. E é nessa escuta que Deus se faz presente e cura.

A Palavra de Deus não é uma palavra para aplicarmos um dia, algures, à nossa vida diária; é uma palavra que nos cura em e através da nossa escuta, aqui e agora.

O que temos, portanto, de nos perguntar é: Como vem Deus ao meu encontro enquanto escuto a Palavra? Como posso discernir que a mão curadora de Deus me alcança através da Palavra? Como se transformam, neste preciso momento, a minha tristeza, a minha aflição e o meu pranto? Sinto o fogo do amor de Deus a purificar o meu coração e a dar-me vida nova? Estas perguntas conduzem-me ao sacramento da Palavra, o lugar sagrado da presença real de Deus.

À primeira vista, isto pode soar bastante inovador para quem vive numa sociedade em que o principal valor da palavra é a sua «aplicabilidade». Mas a maioria de nós conhece já —geralmente de modo inconsciente— o poder curativo e o poder destruidor da palavra falada. Quando alguém me diz: «Amo-te» ou «odeio-te», não recebo apenas uma informação útil. Essas palavras produzem algo em mim. Fazem o meu sangue agitar-se, o coração bater mais depressa, a respiração acelerar-se... Levam-me a sentir e a pensar de maneira diferente. Elevam-me a uma nova forma de ser e dão-me um novo conhecimento de mim mesmo. Essas palavras têm poder para me curar ou para me destruir.

Quando Jesus se junta a nós no caminho e nos explica as Escrituras, devemos escutá-lo com todo o nosso ser, confiando em que a Palavra que nos criou também nos há de curar. Deus deseja tornar-se presente a nós e, assim, transformar radicalmente os nossos corações temerosos.

O carácter sacramental da Palavra torna Deus presente, não apenas como presença pessoal e íntima, mas também como uma presença que nos atribui um lugar na grande história da salvação. O Deus que se faz presente não é só o Deus do nosso coração, mas também o Deus de Abraão e Sara, de Isaac e Rebeca, de Jacob e Lia; o Deus de Isaías e Jeremias; o Deus de David e Salomão; o Deus de Pedro e Paulo, de Francisco de Assis e de Dorothy Day...: o Deus cujo amor, que abrange o mundo inteiro, se nos revela em Jesus, nosso companheiro de viagem.

A Palavra da Eucaristia torna-nos parte da grande história da nossa salvação. As nossas pequenas histórias são integradas na grande história de Deus, na qual lhes é atribuído um lugar único. A Palavra eleva-nos acima da mediocridade e faz-nos ver que a nossa vida «vulgar» do dia a dia é, na verdade, uma vida sagrada que desempenha um papel essencial no

cumprimento das promessas de Deus. A Palavra escrita e proclamada na Eucaristia permite-nos dizer com Maria: «Ele olhou para a humildade da sua serva. Por isso, de agora em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque o Todo-Poderoso fez em mim maravilhas... lembrando-se da sua misericórdia, como prometera a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre».

Vemos agora que a Eucaristia, tal como a celebramos na sagrada liturgia, nos chama a uma vida eucarística, a uma vida em que estejamos continuamente conscientes do nosso papel na história sagrada da presença redentora de Deus através de todas as gerações. A grande tentação que nos espreita consiste em negar o nosso papel de povo eleito, deixando-nos prender pelas preocupações da vida diária. Sem a Palavra, que não cessa de nos elevar à condição de pessoas escolhidas por Deus, ficamos —ou tornamo-nos— pequenas e pobres criaturas enredadas na miserável e dolorosa luta de cada dia para sobreviver. Sem a Palavra que faz arder o coração, pouco mais podemos do que regressar a casa, resignados perante o triste facto de que nada há de novo debaixo do sol. Sem a Palavra, a nossa vida mal tem sentido, vitalidade ou energia. Sem a Palavra, não passamos de pessoas insignificantes com inquietações insignificantes, que vivem uma vida insignificante e morrem uma morte não menos insignificante. Sem a Palavra, talvez sejamos objeto de interesse jornalístico por um par de dias, mas não haverá gerações que nos chamem bem-aventurados. Sem a Palavra, as nossas dores e tristezas esporádicas podem extinguir o Espírito dentro de nós e tornar-nos vítimas da amargura e do ressentimento.

Precisamos da Palavra proferida e explicada por aquele que se une a nós no caminho e nos dá a conhecer a sua presença —uma presença discernida antes de mais nos nossos corações em brasa. É essa presença que nos dá a coragem necessária para nos libertarmos da dureza do coração e sermos agradecidos. E, como pessoas agradecidas, poderemos convidar para a intimidade do nosso lar aquele que fez arder os nossos corações.

CONVIDAR O DESCONHECIDO

«Eu creio»

À medida que escutam o desconhecido, algo muda nos dois viajantes entristecidos. Não só sentem que uma nova esperança e uma nova alegria invadem o mais íntimo do seu ser, como também o seu caminhar se torna menos vacilante. O desconhecido deu um novo sentido à sua marcha. «Ir para casa» já não significa regressar ao único lugar possível. A casa tornou-se mais do que um refúgio necessário, mais do que um lugar onde ficar enquanto não sabem o que mais fazer. O desconhecido deu ao seu caminho um novo significado. A casa vazia transformou-se em lugar de acolhimento, lugar onde receber convidados, lugar onde prosseguir a conversa inesperada que tinham iniciado.

Quando só sentes aquilo que perdeste, então tudo à tua volta fala disso. As árvores, as flores, as nuvens, as colinas e os vales...: tudo reflete a tua tristeza; tudo chora contigo. Quando o teu amigo mais querido morre, toda a natureza fala dele. O vento sussurra o seu nome; os ramos, carregados de folhas, choram por ele; e as dalias e os rododendros oferecem as suas pétalas para cobrir o seu corpo. Mas quando caminhas com alguém ao teu lado, abrindo o coração à misteriosa verdade de que a morte do teu amigo não foi apenas um fim, mas também um novo começo; não apenas uma cruel partida do destino, mas o caminho necessário para chegar à liberdade; não apenas uma horrível e maldita destruição, mas um sofrimento que conduz à glória..., então comesas a discernir, pouco a pouco, uma nova canção que ressoa em toda a criação, e o regresso a casa responde ao desejo mais profundo do coração.

De todas as palavras que disse o desconhecido, há uma que fica gravada na mente dos viajantes: «Glória». «Não tinha o Messias», dissera ele, «de sofrer tudo isso para entrar na sua glória?» Os corações e as mentes deles ainda estavam ocupados pelas imagens de morte e destruição. E, de repente, ressoa a palavra «Glória», que não parecia encaixar no que tinha acontecido e que, no entanto, pronunciada pelo desconhecido, fez arder os corações e permitiu-lhes contemplar o que até então não tinham conseguido ver. Era

como se só tivessem reparado no adubo que cobre a terra, mas não nos frutos das árvores que dele brotaram. Glória, luz, esplendor, beleza, verdade...: quão irreal e inalcançável parecia tudo isso! Mas agora havia novos sons no ar e novas cores nos campos. Ir para casa tornara-se algo bom. O lar chama-nos. O lar é onde está a mesa em torno da qual nos sentamos para comer e beber com os amigos.

E o desconhecido? Não se tornou já um amigo? Ele fez arder os nossos corações, abriu os nossos olhos e os nossos ouvidos. É o nosso companheiro de viagem. A casa tornou-se um bom lugar para acolher o amigo. Por isso lhe dizem: «Fica connosco, porque o dia declina e a noite vem chegando...» Ele não pediu para ser convidado; não pediu lugar onde ficar. Pelo contrário, agiu como quem queria prosseguir caminho. Mas eles insistem para que entre em casa; chegam a pressioná-lo para que fique. E ele aceita. Entra e fica com eles.

Talvez não estejamos habituados a pensar na Eucaristia como um convite a Jesus para que fique connosco. Tendemos mais a pensar que é Jesus quem nos convida à sua casa, a sentar-nos à sua mesa, a partilhar a sua refeição. Mas Jesus quer ser convidado. Caso contrário, seguirá o seu caminho. É muito importante compreender que Jesus nunca impõe a sua presença. Se não o convidarmos, continuará a ser um desconhecido — talvez um desconhecido atraente e inteligente, com quem tivemos uma interessante conversa, mas um desconhecido, afinal.

Mesmo depois de ter dissipado grande parte da nossa tristeza e de nos ter mostrado que a nossa vida não é tão insignificante e miserável como supúnhamos, ele pode continuar a ser aquele que encontramos no caminho, a pessoa extraordinária que se cruzou connosco e falou durante algum tempo, a personagem invulgar de quem falamos à família e aos amigos.

Guardo grandes recordações de encontros com pessoas que fizeram arder o meu coração e que, no entanto, nunca convidei a entrar em minha casa. Às vezes o encontro acontece durante uma longa viagem de avião, outras num comboio ou numa festa. Depois conto aos amigos: «Não vão acreditar, mas conheci uma pessoa absolutamente fascinante. Dizia coisas tão extraordinárias que eu mal acreditava no que ouvia. Parecia conhecer-me intimamente. Na verdade, era capaz de ler os meus pensamentos e falar-

me como se me conhecesse há muito tempo. Uma pessoa verdadeiramente especial, única, surpreendente... Quem me dera que a tivésseis conhecido! Mas partiu, não sei para onde...»

Por muito interessantes, estimulantes e cativantes que sejam tais desconhecidos, se não os convidar a entrar em minha casa, na realidade nada acontece. Posso ter-me enriquecido com algumas ideias novas, mas a minha vida continua basicamente a mesma. Sem um convite, que é expressão do desejo de uma relação duradoura, a boa notícia que ouvimos não pode dar fruto permanente. Continuará a ser uma «notícia»... entre tantas com que somos bombardeados todos os dias.

Uma das características da nossa sociedade contemporânea é que os encontros ocasionais, por muito bons e agradáveis que sejam, raramente dão origem a relações profundas. Por isso a nossa vida está cheia de bons conselhos, ideias úteis e perspectivas maravilhosas que apenas se juntam a muitas outras, sem provocar em nós qualquer tipo de compromisso. Numa sociedade com tanto excesso de informação, até o encontro mais significativo pode acabar reduzido a «algo interessante» entre muitas outras coisas igualmente interessantes.

Só convidando o outro a «vir e ficar» é que um encontro interessante pode tornar-se numa relação transformadora.

Um dos momentos mais decisivos da Eucaristia (e da nossa vida) é o momento do convite. Podemos dizer: «Foi maravilhoso conhecer-te; muito obrigado pelas tuas ideias, conselhos e ânimos. Desejo-te o melhor. Adeus!» Ou então podemos dizer: «Escutei-te e sinto o meu coração a transformar-se... Por favor, vem a minha casa e vê onde e como vivo». Este convite a vir e ver é o que faz a diferença.

Jesus é uma pessoa muito interessante, e as suas palavras estão cheias de sabedoria. A sua presença conforta o ânimo. A sua delicadeza e bondade são comoventes. A sua mensagem é um verdadeiro desafio. Mas será que o convidamos para nossa casa? Queremos que venha conhecer-nos dentro das paredes da nossa vida mais íntima e pessoal? Queremos apresentá-lo a todas as pessoas com quem vivemos? Permitimos que nos veja tal como somos no nosso dia a dia? Estamos dispostos a deixar que toque nos nossos pontos

mais vulneráveis? Permitimos-lhe entrar no «*sancta sanctorum*» da nossa casa, nesse lugar que tanto nos esforçamos por manter fechado? Queremos realmente que fique connosco quando anoitece e o dia chega ao fim?...

A Eucaristia exige este convite. Depois de termos escutado a sua palavra, devemos ser capazes de dizer algo mais do que: «Que interessante...» Temos de ousar dizer: «Confio em ti; entrego-me a ti com todo o meu ser, corpo e alma. Não quero ter segredos para ti. Podes ver tudo o que faço e ouvir tudo o que digo. Não quero que continues a ser um desconhecido. Quero que sejas o meu mais íntimo amigo. Quero que me conheças, não apenas enquanto caminho e converso com os meus companheiros de viagem, mas também quando estou a sós com os meus sentimentos e pensamentos mais íntimos. E, sobretudo, quero conhecer-te a ti, não só como meu companheiro de viagem, mas como o companheiro da minha alma».

Dizer isto não é fácil, porque somos pessoas medrosas e custa-nos entregar-nos verdadeiramente aos outros. O nosso medo de ser totalmente abertos e vulneráveis é tão grande como o nosso desejo de conhecer e de ser conhecidos.

Até a nós próprios escondemos algumas partes do nosso ser! Há pensamentos, sentimentos e emoções que nos perturbam tanto que preferimos viver como se não existissem.

Se não confiamos em nós próprios, como havemos de confiar em alguém diferente de nós? No entanto, o nosso desejo mais profundo é amar e ser amados, e isso só é possível se realmente quisermos conhecer e ser conhecidos.

Jesus revela-se como o Bom Pastor que nos conhece intimamente e nos ama. Mas será que desejamos ser conhecidos por ele? Estamos dispostos a deixá-lo mover-se livremente por cada uma das divisões da nossa vida interior? Queremos realmente que veja o nosso lado bom e o nosso lado mau, as nossas luzes e as nossas sombras? Ou preferimos que siga o seu caminho sem entrar em nossa casa? No fim, a pergunta é: «Confiamos verdadeiramente nele e estamos decididos a confiar-lhe todas e cada uma das partes do nosso ser?»

Quando, depois das leituras e da homilia, dizemos: «Creio em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo..., na Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, no perdão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna», de algum modo estamos a convidar Jesus a entrar em nossa casa e a seguir confiadamente o seu Caminho.

Como momento da celebração eucarística, e mais ainda da nossa vida eucarística, o Credo é muito mais do que um resumo da doutrina da Igreja. É uma profissão de fé. E a «fé», como indica a palavra grega *pistis*, é um ato de confiança. É o grande «Sim». É dizer «Sim» àquele que nos explicou as Escrituras como sendo Escrituras que falam dele. E é este profundo «Sim», não apenas às suas palavras, mas também àquele que as pronuncia, que nos leva finalmente à mesa. Se podemos dizer: «Sim, confiamos em ti e entregamos-te a nossa vida», estamos a fazer algo mais do que caminhar na sua presença: estamos a ousar abrir-nos à comunhão com ele.

De facto, os dois amigos convidam, e até insistem com o desconhecido para que fique com eles. «Sê nosso convidado», dizem-lhe. Querem ser seus anfitriões. Convidam o desconhecido a deixar de o ser e a tornar-se amigo. Essa é a verdadeira hospitalidade: oferecer um lugar seguro onde o desconhecido se pode tornar amigo. Antes eram dois amigos e um desconhecido; agora são três amigos que partilham a mesma mesa.

A mesa é o lugar da intimidade. Em torno da mesa descobrimo-nos uns aos outros. É o lugar onde, de certa forma, rezamos. É o lugar onde perguntamos: «Como correu o teu dia?» É o lugar onde comemos e bebemos juntos e dizemos: «Anima-te, toma mais um pouco...» É o lugar onde se contam histórias novas e antigas. É o lugar dos sorrisos e das lágrimas. A mesa é também o lugar onde a distância se torna mais dolorosa. É o lugar onde os filhos percebem a tensão entre os pais, onde os irmãos exprimem as suas zangas e invejas, onde se fazem acusações e onde pratos e copos se transformam em instrumentos de violência. Em torno da mesa sabemos se há amizade e comunidade ou se, pelo contrário, há ódio e divisão. E precisamente por ser o lugar da intimidade para todos os membros da casa, a mesa é também o lugar onde a falta dessa intimidade se revela de forma mais dolorosa.

Na noite antes da sua morte, quando Jesus se reuniu com os discípulos à mesa, revelou ao mesmo tempo intimidade e distância. Partilhou o pão e o cálice como sinal de amizade, mas também disse: «Em verdade vos digo: um de vós, que está sentado comigo à mesa, há de trair-me».

Quando penso na minha própria juventude, recorro muitas vezes às refeições de família, sobretudo as dos dias de festa. Lembro-me dos enfeites de Natal, dos bolos de aniversário, das velas da Páscoa, dos rostos sorridentes... Mas lembro-me também das palavras de zanga, das reações intempestivas, das lágrimas, das tensões e dos silêncios que pareciam não ter fim.

Somos mais vulneráveis quando dormimos ou quando comemos juntos. A cama e a mesa são os dois lugares da intimidade, mas também os dois lugares de maior dor. E talvez de ambos a mesa seja o mais importante, porque é o lugar onde todos os da casa se reúnem e onde podem exprimir-se e tornar-se reais a família, a comunidade, a amizade, a hospitalidade e a verdadeira generosidade.

Jesus aceita o convite para entrar em casa dos seus companheiros de viagem e senta-se à mesa com eles, que lhe oferecem o lugar de honra. Jesus está no centro, e eles a cada lado. Eles olham para ele, e ele para eles. Há intimidade, amizade, comunidade... Então acontece algo novo, algo quase impercetível para olhos pouco atentos: Jesus é o convidado dos discípulos, mas, mal entra em sua casa, torna-se o anfitrião! E, como anfitrião, convida-os a entrar em plena comunhão com ele.

ENTRAR EM COMUNHÃO

«Tomai e comei»

Quando Jesus entra na casa dos discípulos, esta torna-se sua casa. O convidado torna-se anfitrião. Aquele que foi convidado é agora quem convida. Os dois discípulos que confiaram no estranho ao ponto de o deixar aceder ao seu mundo mais íntimo são agora conduzidos à intimidade do seu anfitrião. «E, estando com eles à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu-lho». Assim de simples, de quotidiano, de óbvio... e, no entanto, assim de diferente. Que outra coisa se pode fazer quando se partilha o pão com os amigos? Tomá-lo, abençoá-lo, parti-lo e dá-lo. Para isso serve o pão: para ser tomado, abençoado, partido e dado. Nada de novo, nada de surpreendente; acontece todos os dias em todos os lares; pertence à essência da vida. Na verdade, não podemos viver sem esse pão que se toma, se abençoa, se parte e se dá. Sem esse pão não há convívio, não há comunidade, não há laços de amizade, não há paz, não há amor, não há esperança... Com esse pão, porém, tudo pode ser novo!

Talvez tenhamos esquecido que a Eucaristia é um gesto humano simples. As vestes, as velas, os acólitos, os livros, os braços erguidos, o altar, os cânticos, a assembleia...: nada disto é propriamente simples, quotidiano, óbvio. Muitas vezes precisaríamos de um folheto para acompanhar a cerimónia e compreender o seu significado. No entanto, nada deveria diferir daquilo que aconteceu naquela pequena aldeia entre três amigos. Há pão e vinho sobre a mesa. O pão é tomado, abençoado, partido e dado; o vinho é tomado, abençoado e dado... É isso que acontece em volta de cada mesa que pretende ser mesa de paz.

Cada vez que convidamos Jesus para a nossa casa —isto é, para a nossa vida com todas as suas luzes e sombras— e lhe oferecemos o lugar de honra à nossa mesa, ele toma o pão e o cálice e oferece-nos, dizendo: «Tomai e comei, isto é o meu corpo. Tomai e bebei, este é o meu sangue. Fazei isto em memória de mim». Ficamos surpreendidos? A verdade é que não. Não ardia já o nosso coração enquanto nos falava pelo caminho? Não sabíamos já que não era um estranho para nós? Não tínhamos já consciência de que

aquele a quem os nossos dirigentes crucificaram estava vivo e no meio de nós? Não tínhamos já visto como tomava o pão, o abençoava, o partia e o dava? Ele já o tinha feito diante da multidão que ouvira a sua palavra durante horas; também o fez no cenáculo, antes de Judas o trair; e fê-lo em incontáveis ocasiões, quando, após um longo dia, se sentava connosco à mesa para comer.

A Eucaristia é o gesto mais humano e mais divino que possamos imaginar. Esta é a verdade de Jesus: tão humano e, no entanto, tão divino; tão próximo e, no entanto, tão misterioso; tão simples e, no entanto, tão inatingível... Mas esta é a história de Jesus, que, «apesar de ser de condição divina, não considerou o ser igual a Deus como algo a reter; mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, sendo encontrado como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz» (Fl 2,6-8). É a história de Deus, que quer aproximar-se tanto de nós que possamos vê-lo com os nossos olhos, ouvi-lo com os nossos ouvidos, tocá-lo com as nossas mãos; tão próximo que nada nos separe, nos divida, nos afaste dele...

Jesus é Deus-para-nós, Deus-com-nós, Deus-dentro-de-nós. Jesus é Deus a entregar-se por completo, a gastar a sua vida por nós sem reservas. Jesus nada guarda para si nem se agarra ao que possui. Dá tudo o que tem, em abundância. «Comei..., bebei..., isto é o meu corpo..., este é o meu sangue..., sou eu que me dou a vós».

Todos conhecemos esse desejo de nos darmos a nós mesmos à mesa. Dizemos: «Comei e bebei; preparei isto para vós. Comei mais; é para que desfruteis, para que ganheis forças, para que sintais quanto vos quero bem...» O que desejamos não é apenas dar comida, mas dar-nos a nós mesmos. «Sê meu convidado», dizemos. E ao convidar um amigo a sentar-se à mesa, queremos dizer: «Sê meu amigo, sê meu companheiro, sê meu amor, sê parte da minha vida, quero dar-me a ti...»

Na Eucaristia, Jesus dá-se totalmente. O pão não é apenas um sinal do seu desejo de ser o nosso alimento; o cálice não é apenas sinal do seu anseio de ser a nossa bebida. O pão e o vinho transformam-se no seu corpo e sangue na entrega. O pão, de facto, é o seu corpo entregue por nós; o vinho é o seu sangue derramado por nós. Assim como Deus se tornou presente

para nós em Jesus, assim também Jesus se torna presente para nós no pão e no vinho da Eucaristia. Deus não só se encarnou por nós há muitos anos, numa terra distante, mas também se faz alimento e bebida para nós neste momento da celebração eucarística, aqui mesmo, onde estamos reunidos em torno da mesa. Deus nada guarda para si; Deus dá tudo. Este é o mistério da Encarnação. E este é também o mistério da Eucaristia. A Encarnação e a Eucaristia são as duas expressões do amor imensamente generoso de Deus. Por isso, o sacrifício da cruz e o sacrifício da mesa são um só sacrifício: uma completa autodoação de Deus que alcança toda a humanidade no tempo e no espaço.

A palavra que melhor exprime este mistério da total autodoação de Deus é «comunhão». É a palavra que contém a verdade de que, em e através de Jesus, Deus quer não apenas ensinar-nos, instruir-nos ou inspirar-nos, mas fazer-se um connosco. Deus deseja unir-se totalmente a nós, de tal modo que todo o seu ser e o nosso se fundam num amor eterno. Toda a longa história da relação de Deus com os seres humanos é uma história de comunhão cada vez mais profunda. Não é apenas uma história de uniões, separações e reencontros, mas uma história em que Deus procura modos sempre novos de se unir em íntima comunhão com aqueles que foram criados à sua imagem e semelhança.

Dizia Agostinho: «O meu coração não descansará enquanto não descansar em ti, Senhor»; mas quando considero a tortuosa história da nossa salvação, vejo não só que ansiamos por pertencer a Deus, mas também que Deus anseia pertencer-nos. É como se Deus nos gritasse: «O meu coração não descansará enquanto não descansar em ti, minha amada criação». Desde Adão e Eva até Abraão e Sara, de Abraão e Sara até David e Betsabé, e de David e Betsabé até Jesus e para sempre, Deus clama o seu desejo de ser recebido pelos seus. «Eu criei-vos, dei-vos todo o meu amor, guiei-vos, ofereci-vos o meu apoio, prometi-vos que se realizariam os desejos do vosso coração...: onde estais, onde está a vossa resposta, onde está o vosso amor? Que mais devo fazer para que me ameis? Não desistirei; continuarei a tentar. Um dia descobrirei quanto anseio o vosso amor!»

Deus deseja a comunhão: uma unidade vital e viva, uma intimidade que nasce de ambas as partes, um laço verdadeiramente recíproco. Não se trata

de algo forçado ou imposto, mas de uma comunhão livremente oferecida e recebida. Deus vai até onde for preciso para tornar possível esta comunhão. Faz-se criança que precisa de cuidados, jovem que precisa de ajuda; faz-se mestre à procura de discípulos, profeta que procura seguidores; por fim, torna-se cadáver trespassado pela lança de um soldado e colocado num sepulcro. No fim da história, está ali diante de nós, olhando-nos com olhos expectantes e perguntando: «Amas-me?»; e de novo: «Amas-me?»; e uma terceira vez: «Amas-me?»

É este desejo intenso de Deus de entrar numa relação mais íntima connosco que constitui o centro da celebração e da vida eucarísticas. Deus não quer apenas entrar na história humana como alguém que viveu numa época e num lugar determinados, mas deseja ser o nosso alimento e a nossa bebida quotidianos em todo o tempo e lugar. Por isso, Jesus toma o pão, abençoa-o e dá-no-lo. E nesse momento, quando vemos o pão nas nossas mãos e o levamos à boca, abrem-se os nossos olhos e reconhecemo-lo.

A Eucaristia é reconhecimento. É tomar plena consciência de que aquele que toma, abençoa, parte e dá o pão e o vinho é o mesmo que, desde o princípio dos tempos, desejou entrar em comunhão connosco. A comunhão é o que tanto Deus como nós desejamos. É o clamor mais profundo do coração de Deus e do nosso, porque fomos criados com um coração que só pode ser saciado por aquele que o criou. Deus colocou em nós o desejo de comunhão que só Ele pode e quer satisfazer. Deus sabe-o, mas nós costumamos ignorá-lo, continuando a procurar noutros lugares essa experiência de pertença. Admiramos o esplendor da natureza, a grandeza da história e o fascínio das suas figuras; mas parece improvável que esse simples gesto de partir o pão, tão normal e pouco espetacular, nos permita encontrar a comunhão que tanto desejamos. Contudo, se já chorámos as nossas perdas, o escutámos no caminho e o convidámos a entrar no mais íntimo de nós mesmos, saberemos que a comunhão que esperávamos receber é a mesma que ele esperava poder dar.

Há uma frase no relato de Emaús que nos conduz diretamente ao mistério da comunhão: «...reconheceram-no; mas ele desapareceu da sua vista». No mesmo instante em que os dois amigos o reconhecem na fração do pão, já ele não está com eles. Quando lhes dá o pão para comerem, já

não o veem à mesa. Quando comem, ele torna-se invisível. Quando entram na comunhão mais íntima com Jesus, o desconhecido transformado em amigo, já não está visível. Precisamente quando se lhes torna mais presente, é quando se faz ausente.

Aqui tocamos num dos aspetos mais sagrados da Eucaristia: o mistério de que a comunhão mais profunda com Jesus acontece na sua ausência. Os dois discípulos de Emaús tinham-no escutado durante muitas horas, tinham caminhado com ele de aldeia em aldeia, ajudado a pregar, descansado e comido com ele. Durante um ano, ele tinha sido mestre, guia, Senhor. Todas as suas esperanças de um futuro novo e melhor estavam nele centradas. No entanto, não tinham conseguido conhecê-lo nem compreendê-lo plenamente. Ele dissera-lhes muitas vezes: «Agora não compreendeis; compreenderéis mais tarde...» De facto, não sabiam ao certo o que queria dizer. Julgavam estar mais próximos dele do que de qualquer outra pessoa que tivessem conhecido. No entanto, ele insistia: «Digo-vos isto agora... para que, quando já não estiver convosco, vos lembreis e compreendais». Um dia chegou mesmo a dizer que era melhor que ele partisse, para que pudesse vir o seu Espírito e guiá-los a uma plena intimidade com ele. O Espírito abriria os olhos deles e dar-lhes-ia a compreender quem era realmente e porque viera.

Durante todo esse tempo com os discípulos, não tinha havido plena comunhão. Sim, tinham estado com ele e sentado aos seus pés; sim, tinham sido discípulos e até amigos. Mas não tinham entrado em plena comunhão com ele. O corpo e o sangue dele —e o corpo e o sangue deles— não se tinham tornado um só. Em muitos aspetos, Jesus continuava a ser para eles «outro», alguém que ia à frente e lhes mostrava o caminho. Mas quando comem o pão que ele lhes dá e o reconhecem, compreendem no mais fundo do seu espírito que agora ele habita dentro deles, respira neles, fala neles, vive verdadeiramente neles. Quando comem o pão que ele oferece, as suas vidas transformam-se na vida dele. Já não são eles que vivem, é Cristo que vive neles. E é precisamente nesse momento sagrado de comunhão que ele desaparece da sua vista.

Isto é o que vivemos na celebração eucarística e também quando a nossa vida é eucarística. Trata-se de uma comunhão tão íntima, tão santa,

tão sagrada e tão espiritual que escapa aos nossos sentidos. Já não o podemos ver com olhos mortais, ouvir com ouvidos mortais, tocar com mãos mortais. Ele veio a nós nesse lugar, no mais íntimo de nós, onde os poderes das trevas e do mal não chegam, onde a morte não tem acesso.

Quando Jesus estende a mão, põe o pão nas nossas e leva o cálice aos nossos lábios, está a pedir-nos que deixemos de lado a amizade fácil que tínhamos com ele até então, e que esqueçamos os sentimentos, as emoções e até os pensamentos ligados a ela. Quando comemos o seu corpo e bebemos o seu sangue, aceitamos a solidão de já não o ter à nossa mesa como companheiro que nos consola com a sua conversa e ajuda a suportar as perdas do quotidiano. É a solidão da vida espiritual, a solidão de saber que ele está mais próximo de nós do que nós mesmos alguma vez estaremos. É a solidão da fé.

Da nossa parte, podemos continuar a clamar: «Senhor, tende piedade!»; podemos continuar a escutar e a interpretar as Escrituras; podemos continuar a dizer: «Creio, Senhor...»

Mas a comunhão com ele vai muito além de tudo isso: leva-nos ao lugar onde a luz cega os nossos olhos e onde todo o nosso ser mergulha na falta de visão. É nesse lugar de comunhão que gritamos: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» É também aí que o nosso vazio nos faz rezar: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito».

A comunhão com Jesus significa tornar-se igual a ele. Com ele somos cravados na cruz, com ele jazemos no sepulcro, com ele ressuscitamos para acompanhar os caminantes perdidos no seu caminho. A comunhão, o tornar-nos Cristo, leva-nos a um novo âmbito de existência. Introduz-nos no Reino, onde as velhas distinções entre felicidade e desgraça, entre êxito e fracasso, entre bem-aventurança e condenação, entre saúde e doença, entre vida e morte... já não têm sentido. Ali já não pertencemos a um mundo obstinado em dividir, julgar, separar e avaliar. Ali pertencemos a Cristo, e Cristo pertence a nós, e tanto ele como nós pertencemos a Deus. De repente, os dois discípulos que comeram o pão e reconheceram Jesus estão de novo sozinhos. Mas não com a solidão com que começaram a viagem. Estão sozinhos em companhia, e sabem que nasceu um novo laço entre eles. Já não olham para o chão cabisbaixos. Agora olham-se um ao outro e

dizem: «Não ardia o nosso coração quando nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

A comunhão cria comunidade. Cristo, que vivia neles, fê-los estar juntos de um modo novo. O Espírito de Cristo ressuscitado, que entrara neles ao comerem o pão e beberem do cálice, não só lhes permitiu reconhecer o próprio Cristo, mas também reconhecer-se mutuamente como membros de uma nova comunidade de fé. A comunhão leva-nos a olharmos e a falarmos uns com os outros, não sobre as últimas notícias, mas sobre Ele, que caminhou ao nosso lado. Descobrimo-nos como pessoas que se pertencem mutuamente, porque cada um de nós lhe pertence. Estamos sós, porque ele desapareceu da nossa vista; mas estamos juntos, porque cada um de nós está em comunhão com ele e, portanto, tornámo-nos um só corpo nele.

Comemos o seu corpo, bebemos o seu sangue; e, ao fazê-lo, todos os que participamos do mesmo pão e do mesmo cálice tornamo-nos um só corpo. A comunhão cria comunidade, porque o Deus que vive em nós nos faz reconhecer Deus nos nossos semelhantes. Nós não conseguimos ver Deus no outro; só Deus em nós pode ver Deus no outro. É isto que queremos dizer quando afirmamos: «O Espírito fala ao Espírito, o coração fala ao coração, Deus fala a Deus». A nossa participação na vida interior de Deus conduz-nos a uma nova forma de participar uns na vida dos outros.

Pode parecer «irreal»; mas quando o vivemos, torna-se mais real do que a «realidade» do mundo. Como diz Paulo: «O cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Porque, sendo muitos, formamos um só pão e um só corpo, pois todos participamos do mesmo pão» (1 Cor 10,16-17).

Este novo corpo é um corpo espiritual, formado pelo Espírito de amor, e manifesta-se de modos muito concretos: no perdão, na reconciliação, no apoio mútuo, na ajuda aos necessitados, na solidariedade com os que sofrem e numa preocupação crescente com a justiça e a paz. Assim, não só a comunhão cria comunidade, como a comunidade conduz sempre à missão.

PARTIR EM MISSÃO

«Ide e pregai»

Tudo mudou. As perdas já não são vividas como algo que enfraquece; a casa já não é um lugar vazio. Os dois caminantes, que iniciaram a viagem com o rosto abatido pela tristeza, olham-se agora com olhos cheios de uma nova luz. O estranho, que acabou por se tornar amigo, entregou-lhes o seu Espírito, o espírito divino de alegria, paz, coragem, esperança e amor. Já não há dúvida: ele está vivo! — mas não como antes, não como o fascinante pregador e taumaturgo de outrora, e sim como um novo alento dentro deles. Cléofas e o seu amigo tornaram-se pessoas novas. Foi-lhes dado um coração novo e um espírito novo. Também eles se fizeram amigos um do outro de um modo novo: já não são pessoas que se oferecem consolo e apoio mútuos enquanto choram o que perderam, mas pessoas com uma nova missão e que têm algo a dizer em comum, algo importante, algo urgente, algo que não pode permanecer oculto, algo que deve ser proclamado. Felizmente, têm-se um ao outro. Ninguém acreditaria em apenas um deles; mas o facto de falarem juntos e em uníssono faz com que sejam escutados com imparcialidade e atenção.

Os outros precisam de saber, porque também eles haviam depositado nele todas as suas esperanças. Os outros são os onze que ceiam com ele na noite anterior à sua morte; e são também os discípulos, homens e mulheres, que estiveram com ele durante anos. Todos precisam de saber o que aconteceu com eles. Precisam de saber que não acabou tudo. Precisam de saber que ele está vivo e que os dois o reconheceram quando partiu o pão e lho deu. Não há, portanto, tempo a perder. «Apressemos-nos», dizem um ao outro. E imediatamente calçam as sandálias, cobrem-se com o manto, pegam no cajado e põem-se a caminho, sem demora, para se voltarem a reunir com os amigos, para regressar junto daqueles que talvez ainda não saibam que as mulheres tinham razão quando disseram ter ouvido dos anjos que ele estava vivo. O relato resume-o em poucas palavras: «E, levantando-se logo, voltaram para Jerusalém».

Que diferença entre o modo como regressavam a casa e o seu apressado regresso a Jerusalém! É a diferença entre a dúvida e a fé, entre o desespero e a esperança, entre o medo e o amor. É a diferença entre dois seres humanos abatidos que mal se arrastavam pelo caminho e dois amigos que caminham a toda a pressa, por vezes correndo, entusiasmados com a notícia que têm de levar aos seus.

Voltar à cidade continua a ser perigoso. Após a execução de Jesus, os discípulos estão paralisados pelo medo, sem saber o que os espera. Mas, uma vez que reconheceram o Senhor, o medo desvanece-se e sentem-se livres para dar testemunho da ressurreição... sem reparar no que isso lhes possa acarretar. Têm consciência de que as mesmas pessoas que odiavam Jesus podem voltar o seu ódio contra eles; que as mesmas pessoas que mataram Jesus podem decidir matá-los também. O regresso pode custar-lhes a vida. É possível que tenham de testemunhar não só com palavras, mas com o próprio sangue. Mas já não temem o martírio: o Senhor ressuscitado, presente no mais íntimo do seu ser, encheu-os com um amor mais forte do que a morte. Nada os pode impedir de regressar ao lar, ainda que o lar já não seja um lugar «seguro».

A Eucaristia conclui com uma missão: «Ide e anunciai». As palavras latinas «Ite, missa est», com que o sacerdote costumava concluir a Missa, significam literalmente: «Ide, esta é a vossa missão».

O fim não é a Comunhão, mas a Missão. A Comunhão, essa sagrada intimidade com Deus, não é o momento final da vida eucarística.

Reconhecemo-lo, sim; mas o reconhecimento não serve para o saborearmos a sós nem para o guardarmos em segredo. Tal como Maria Madalena, também os dois amigos ouviram, no mais fundo de si, as palavras: «Ide e anunciai». Essa é a conclusão da celebração eucarística; e esse é também o apelo final da vida eucarística: «Ide e anunciai. O que vistes e ouvistes não é só para vós. É para os irmãos e irmãs e para todos os que estiverem dispostos a recebê-lo. Ide, não vos demoreis, não espereis, não duvideis; ponde-vos a caminho agora mesmo e regressai aos lugares de onde viestes, e fazei saber àqueles que deixastes escondidos e cheios de medo que não há nada a temer, que ele ressuscitou verdadeiramente».

É importante perceber que a missão é, antes de mais, uma missão dirigida aos que nos são próximos, aos que nos conhecem e que, como nós, ouviram falar de Jesus mas desanimaram. Evidentemente, a missão é, primeiro, para nós próprios, para a família, para os amigos e para aqueles que são parte importante da nossa vida. Compreender isto não é cómodo: falar de Jesus àqueles que nos conhecem intimamente é sempre mais difícil do que falar a quem não conhece a nossa «maneira peculiar de ser» ou de viver. Contudo, há aí um grande desafio: de algum modo, a autenticidade da nossa experiência é posta à prova pelos nossos pais, cônjuges, filhos, irmãos e irmãs...; por todos os que nos conhecem bem.

Muitas vezes ouviremos: «Lá está ele outra vez!... Já sabemos como é... Já vimos esse entusiasmo outras vezes... Vai passar-lhe, como sempre...» Frequentemente há muito de verdade nisto. Porque haviam de confiar em nós quando corremos para casa cheios de excitação? Porque nos hão de levar a sério? Não somos dignos de tanta confiança; não somos diferentes do resto da família e dos amigos. Além disso, o mundo está cheio de histórias, rumores, pregadores e evangelizadores. Há boas razões para algum cepticismo. Os que não vêm connosco à Eucaristia não são melhores nem piores do que nós. Também eles ouviram a história de Jesus e, regra geral, foram batizados; alguns até frequentaram a igreja durante mais ou menos tempo. Mas depois, pouco a pouco, a história de Jesus tornou-se para eles uma história entre tantas. A Igreja, um peso; e a Eucaristia, um simples rito. A certa altura, tudo isso se tornou uma lembrança mais ou menos doce ou amarga. A certa altura, algo morreu neles. E porque razão alguém que nos conhece bem haveria de nos acreditar de repente quando regressamos da Eucaristia?

Eis porque não é apenas a Eucaristia, mas a vida eucarística que faz a diferença. Todos os dias, a cada momento, lado a lado com a dor das várias perdas, temos a oportunidade de escutar uma palavra que nos convida a viver essas perdas como caminho para a glória. Todos os dias temos também a possibilidade de convidar o desconhecido a nossa casa e permitir-lhe partir para nós o pão. A celebração eucarística condensou para nós em que consiste a nossa vida de fé, e temos de voltar a casa para a viver o mais plenamente possível. E isso é difícil, porque todos em casa nos conhecem demasiado bem: conhecem a nossa impaciência, as nossas invejas, os

nossos ressentimentos, as nossas muitas manhas... E depois estão as relações desfeitas, as promessas não cumpridas, os compromissos quebrados... Podemos realmente dizer que o encontramos no caminho, que recebemos o seu corpo e o seu sangue e que nos tornamos cristos vivos? Toda a gente em casa está disposta a verificar a validade do que afirmamos.

Mas há mais. Aos companheiros emocionados que, correndo e ansiosos por dar a notícia, chegaram ao lugar onde os amigos estavam reunidos, aguardava-os uma grande surpresa: já sabiam! A boa nova que traziam já não era nova. Antes mesmo de poderem contar a história, os onze e os demais diziam: «É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!» A situação tem algo de cómico: eles chegam ofegantes, fora de si... para descobrir que os que ficaram na cidade já tinham ouvido a notícia, embora não se tivessem encontrado com ele no caminho nem se tivessem sentado com ele à mesa. Jesus aparecera a Simão, e este gozava de mais credibilidade do que aqueles dois discípulos que não tinham ficado com eles, mas tinham regressado a casa pensando que tudo acabara. Claro que estavam contentes e desejosos de ouvir a sua história, mas esta apenas confirmava que ele estava vivo.

Jesus tem muitas maneiras de se manifestar e de nos fazer saber que está vivo. O que celebramos na Eucaristia acontece de muitos mais modos do que possamos imaginar. Jesus, que já nos tinha dado o pão, tocara o coração de outros antes de se encontrar connosco no caminho. Chamara Maria Madalena pelo nome, e ela soube que era ele; mostrara as feridas a outros, e estes souberam que se tratava dele. Nós temos a nossa história para contar, e é importante contá-la; mas não é a única história. Temos uma missão a cumprir, e é bom entusiasmar-nos com ela; mas primeiro devemos escutar o que os outros têm para dizer. Então poderemos contar a nossa história e oferecer a nossa alegria.

Tudo isto aponta para a comunidade. Os dois amigos, que podiam falar entre si do fogo que sentiam no coração, começavam a entrar numa nova relação mútua, baseada na comunhão do que tinham experimentado. A sua comunhão com Jesus foi, sem dúvida, o início da comunidade; mas apenas isso: o início. Precisavam de encontrar outros que também acreditassem que ele ressuscitou, que também tivessem visto ou ouvido que ele estava vivo.

Precisavam de escutar as suas histórias, cada uma diferente, e de descobrir as muitas maneiras como Jesus e o seu Espírito atuam nos seus. É tão fácil reduzir Jesus ao «nosso» Jesus, à nossa experiência do seu amor, ao nosso modo de o conhecer!... Mas Jesus deixou-nos para nos enviar o seu Espírito, e este sopra onde quer. A comunidade de fé é o lugar onde se contam muitas histórias sobre o caminho de Jesus. Histórias que podem ser muito diferentes entre si, até parecer contraditórias; mas se não deixarmos de escutar atentamente o Espírito —que se manifesta por muitas pessoas, tanto pela palavra como pelo silêncio, tanto pela confrontação como pelo convite, tanto na delicadeza como na firmeza, tanto em lágrimas como em sorrisos—, pouco a pouco poderemos discernir que formamos uma unidade, um só corpo unido pelo Espírito de Jesus.

Na Eucaristia somos convidados a deixar a mesa e a ir com os amigos descobrir, juntos, que Jesus está realmente vivo e nos chama a todos a formar um povo novo: o povo da ressurreição.

Aqui conclui a história de Cléofas e do seu amigo. Conclui quando ambos contam a sua história aos onze e aos outros companheiros. Mas a missão não termina aí; mal começa. Narrar o que aconteceu no caminho e à volta da mesa é o início de uma vida de missão que deverá prolongar-se todos os dias da nossa vida, até o vermos face a face.

Formar comunidade com a família e com os amigos, construir um corpo de amor, formar o novo povo da ressurreição...: tudo isto não serve apenas para vivermos protegidos das forças do mal que dominam o mundo, mas sobretudo para nos permitir proclamar a todos, jovens e velhos, brancos e negros, pobres e ricos, que a morte não tem a última palavra, que a esperança é real e que Deus está vivo.

A Eucaristia é sempre uma missão. A Eucaristia, que nos libertou da paralisante sensação de perda e nos revelou que o Espírito de Jesus habita em nós, capacita-nos para sair ao mundo e levar a boa nova aos pobres, devolver a vista aos cegos e a liberdade aos cativos, e proclamar que Deus voltou a manifestar a sua predileção por todos. Mas não somos enviados sozinhos; somos enviados com os nossos irmãos e irmãs, que também sabem que Jesus habita neles.

A dinâmica que brota da Eucaristia é a que vai da comunhão à comunidade, e desta ao ministério. A nossa experiência de comunhão envia-nos primeiro aos irmãos e irmãs para com eles partilharmos as histórias e com eles construirmos um corpo de amor. Depois, como comunidade, podemos partir em todas as direções e chegar a todas as pessoas.

Tenho plena consciência da minha tendência para passar da comunhão ao ministério sem formar comunidade. O meu individualismo e a ânsia de sucesso pessoal tentam-me, repetidas vezes, a fazê-lo sozinho e a reclamar para mim a tarefa do ministério em exclusivo. Mas nem sequer Jesus pratica a sós o seu ministério apostólico e a sua atividade taumaturga. O evangelista Lucas conta-nos como passava a noite em comunhão com Deus, a manhã a formar comunidade com os doze apóstolos e a tarde a sair com eles para pregar ao povo. Jesus chama-nos a seguir a mesma sequência: da comunhão à comunidade, e desta ao ministério. Ele não quer que vamos sós. Envia-nos juntos, dois a dois, nunca isolados, para que sejamos testemunhas como pessoas que pertencem a um corpo de fé. Somos enviados a ensinar, a curar, a animar e a dar esperança ao mundo, não como exercício de uma habilidade excecional da nossa parte, mas como expressão da nossa fé de que tudo o que temos para dar provém daquele que nos reuniu.

A vida vivida eucaristicamente é sempre uma vida de missão. Vivemos num mundo que chora incessantemente as suas perdas. As guerras impiedosas, que destroem pessoas e países; a fome e a inanição, que dizimam populações inteiras; o crime e a violência, que aterrorizam milhões de homens, mulheres e crianças; o cancro, a SIDA, a cólera, a malária e tantas outras doenças que devastam o corpo de incontáveis pessoas; os terremotos, as inundações, os acidentes de viação...: tudo isso constitui a história quotidiana que enche as páginas dos jornais e os ecrãs de televisão. É um mundo de perdas intermináveis, e são muitos, senão a maioria, os seres humanos que caminham pela superfície deste planeta com o rosto abatido e que, de uma forma ou de outra, dizem uns aos outros: «Nós esperávamos que..., mas perdemos a esperança».

É para este mundo que somos enviados a viver eucaristicamente, isto é, com o coração em brasa e com os olhos e ouvidos abertos. É claro que parece uma tarefa impossível: que pode fazer esse pequeno grupo de pessoas que se encontraram com ele no caminho, no jardim ou à beira do lago, num mundo tão sombrio e violento? O mistério do amor de Deus consiste em que os nossos corações inflamados e os nossos olhos e ouvidos atentos sejam capazes de descobrir que Aquele com quem nos encontramos na intimidade dos nossos lares continua a revelar-se nos pobres, nos doentes, nos famintos, nos prisioneiros, nos refugiados... e em todas as pessoas que vivem atemorizadas.

A missão, portanto, não consiste apenas em ir e falar aos outros acerca do Senhor ressuscitado, mas também em receber esse mesmo testemunho daqueles a quem somos enviados. Muitas vezes pensamos a missão exclusivamente em termos de «dar»; mas a verdadeira missão é também «receber». Se é verdade que o Espírito de Jesus sopra onde quer, então não há ninguém que não possa transmitir esse Espírito. Em última análise, a missão só é possível quando consiste tanto em receber como em dar, tanto em ser cuidado como em cuidar. Fomos enviados aos doentes, aos moribundos, às pessoas com deficiência, aos prisioneiros e aos refugiados para lhes levar a boa nova da ressurreição do Senhor; mas depressa nos esgotaremos se não formos capazes de receber o Espírito do Senhor daqueles a quem fomos enviados.

Esse Espírito, o Espírito de amor, esconde-se na pobreza, na angústia e na dor de todos eles. Por isso diz Jesus: «Bem-aventurados os pobres, os perseguidos e os que choram». Sempre que nos aproximamos deles, eles, em troca —consciente ou inconscientemente—, abençoam-nos com o Espírito de Jesus e, assim, tornam-se nossos ministros. Sem esta reciprocidade de dar e receber, a missão e o ministério acabam facilmente por se tornar manipuladores ou violentos. Quando só um dá e só um recebe, aquele acaba por se tornar opressor e este por se tornar vítima. Mas quando quem dá recebe e quem recebe dá, o círculo do amor, que começou na comunidade dos discípulos, pode tornar-se tão grande como o mundo.

Pertence à própria essência da vida eucarística fazer crescer este círculo de amor. Uma vez que entrámos em comunhão com Jesus e criámos uma

comunidade com os que sabem que ele está vivo, podemos ir e juntar-nos aos numerosos viajantes solitários e ajudá-los a descobrir que também eles são chamados a partilhar o dom do amor. Já não tememos a sua tristeza e a sua dor; podemos simplesmente perguntar-lhes: «Sobre o que conversáveis pelo caminho?» E ouviremos histórias de imensa solidão, de medo, de rejeição, de abandono e de tristeza. Devemos escutar —e muitas vezes teremos de o fazer longamente—, mas também surgirão oportunidades para dizer, com palavras ou com um simples gesto: «Não sabes que isso de que te queixas pode ser vivido como um caminho para algo novo? Talvez te seja impossível evitar o que te aconteceu, mas és livre para escolher a maneira de o viver».

Nem todos nos escutarão, e só alguns nos convidarão a entrar nas suas vidas e a sentar-nos com eles à sua mesa. E só muito raramente poderemos oferecer o pão que dá a vida e curar verdadeiramente um coração quebrado. O próprio Jesus não curou toda a gente nem mudou a vida de todos os que se aproximaram dele. Há muitas pessoas que, simplesmente, não acreditam que sejam possíveis mudanças radicais, nem conseguem confiar no primeiro desconhecido que lhes aparece. Mas sempre que acontece um verdadeiro encontro que leva do desespero à esperança e da amargura à gratidão, vemos dissipar-se parte da escuridão e a vida, mais uma vez, abre caminho através das fronteiras da morte.

Esta tem sido —e continua a ser— a experiência dos que vivem uma vida eucarística e consideram que a sua missão consiste em desafiar constantemente os companheiros de caminho a escolher a gratidão em vez do ressentimento e a esperança em vez do desespero. E as poucas vezes em que esse desafio é aceite bastam para que a vida valha a pena ser vivida. Ver um sorriso rasgar-se através das lágrimas é assistir a um milagre: o milagre da alegria. Estatisticamente, nada disto é muito significativo. Quem pergunta: «Em quantas pessoas influenciaste? Quantas conversões conseguiste? Quantas doenças curaste? Quanta alegria distribuíste?»... receberá sempre respostas algo decepcionantes. O próprio Jesus e os seus discípulos não tiveram grande “sucesso”. O mundo continua a ser um lugar sombrio, cheio de violência, corrupção, opressão e exploração, e provavelmente sempre será assim. A questão não é «quanto e em quanto tempo?», mas «onde e quando?». Onde se celebra a Eucaristia? Onde estão

as pessoas que se reúnem à volta da mesa e partem juntas o pão —e quando é que isso acontece? O mundo está submetido ao poder do mal. O mundo não é, não foi nem será capaz de reconhecer a luz que brilha nas trevas. Mas há pessoas que, no meio deste mundo, vivem sabendo que ele está vivo e habita dentro de nós, que venceu o poder da morte e nos abriu o caminho para a glória.

Há pessoas que, em sua memória, se reúnem à volta da mesa e fazem o que ele fez? Há pessoas que continuam a contar-se mutuamente as suas histórias de esperança e saem juntas para ajudar os seus semelhantes, sem a pretensão de resolver todos os problemas, mas para levar um sorriso a um moribundo e um pouco de esperança a uma criança abandonada?

Por muito pequena, pouco espetacular e escondida que esta vida eucarística possa parecer, ela é como o fermento, como a semente de mostarda, como o sorriso no rosto de uma criança. É precisamente isso que mantém vivas a fé, a esperança e o amor num mundo que está constantemente à beira da autodestruição.

A Eucaristia celebra-se por vezes com grande cerimonial, em esplêndidas catedrais e basílicas. Mas o mais habitual é ser um «pequeno» acontecimento de que muito poucas pessoas têm notícia. Celebra-se numa sala de estar, numa cela de prisão, num sótão... fora do alcance das grandes correntes que movem o mundo. Celebra-se em segredo, sem vestes luxuosas, sem velas e sem incenso. Celebra-se com tal simplicidade que os que não assistem nem sequer sabem que está a acontecer. Mas, grande ou pequena, festiva ou recôndita, é o mesmo acontecimento, que revela que a vida é mais forte do que a morte e o amor mais firme do que o medo.

CONCLUSÃO

A palavra «Eucaristia» significa, literalmente, «ação de graças». Uma vida eucarística deve ser vivida com gratidão. A história dos dois amigos a caminho de Emaús, que é também a nossa própria história, mostrou-nos que a gratidão não é uma atitude óbvia perante a vida. A gratidão precisa de ser descoberta e vivida com grande delicadeza interior. As nossas perdas, as experiências de rejeição e de abandono e os muitos momentos de desilusão não deixam de nos arrastar para a ira, a amargura e o ressentimento. Quando nos limitamos a deixar que sejam os «factos» a falar, haverá sempre factos suficientes para nos convencer de que a vida, em última análise, conduz ao nada, e que toda a pretensão de escapar a esse destino não é mais do que sinal de profunda ingenuidade.

Jesus deu-nos a Eucaristia para que pudéssemos escolher a gratidão. Esta é uma opção que temos de tomar por nós próprios e que ninguém pode tomar por nós.

Mas a Eucaristia incita-nos a clamar a Deus em procura de misericórdia, a escutar as palavras de Jesus, a convidá-lo para a nossa casa, a entrar em comunhão com Ele e a proclamar ao mundo a boa nova. A Eucaristia permite-nos libertar-nos, pouco a pouco, de muitos ressentimentos e optar pela gratidão. A celebração eucarística não cessa de nos convidar a esta atitude. Na nossa vida diária temos incontáveis oportunidades de mostrar gratidão em vez de ressentimento, mesmo que, ao princípio, não as reconheçamos. Muitas vezes, antes de compreendermos algo em profundidade, já dissemos: «Isto é demais para mim... Não tenho outro remédio senão irritar-me e manifestar a minha revolta. A vida não é justa, e eu não posso fingir que é.» No entanto, está sempre presente aquela voz que, repetidamente, nos sugere que estamos cegos pela nossa própria compreensão das coisas e que, assim, nos arrastamos uns aos outros para o abismo. É a voz que nos chama «insensatos», a voz que nos pede para olharmos a nossa vida de um modo totalmente novo: não a partir de baixo, onde só vemos as nossas perdas, mas a partir de cima, onde Deus nos oferece a sua glória.

Em última análise, a Eucaristia – ação de graças – vem de cima. É um dom que não podemos fabricar por nós mesmos, mas que temos de receber. Um dom que nos é oferecido gratuitamente e que pede para ser livremente acolhido. Aí está a escolha!

Podemos optar por deixar o desconhecido seguir o seu caminho e continuar a ser um estranho. Mas também podemos convidá-lo para a nossa intimidade, deixar que toque cada partícula do nosso ser e transforme os nossos ressentimentos em gratidão. Não somos obrigados a fazê-lo. De facto, a maioria das pessoas não o faz.

Mas sempre que o fazemos, todas as coisas, até as mais pequenas, tornam-se novas. As nossas pequenas vidas tornam-se grandes, e isso faz parte da misteriosa obra de salvação de Deus. Uma vez que isto acontece, nada será já accidental, casual ou fútil. Mesmo o acontecimento mais insignificante fala a linguagem da fé, da esperança e, sobretudo, do amor.

Tal é a vida eucarística: a vida em que tudo o que fazemos é uma forma de dizer «Obrigado» àquele que se juntou a nós no caminho.